

Tradicionalistas: os polêmicos.

Uma observação que me foi feita pelo apresentador de TV Túlio Milman quando estive na TVCom para participar do seu programa, às dez da noite, me fez pensar muito. “Vocês gostam de uma polêmica!”, disse ele. Estava se referindo a matérias publicadas nos jornais, na semana seguinte ao 48º Congresso Tradicionalista, realizado em Erechim de 10 a 12 de janeiro.

As matérias publicadas, a que se referia o apresentador, diziam respeito ao uso de brincos pelos peões, à pintura dos cabelos pelas mulheres e às proibições relativas aos CTGs.

Sobre os dois primeiros itens, não houve sequer debate no Congresso. Parece-me que houve uma manifestação do Presidente do Congresso expressando seu sentimento em relação aos tais brincos. Sobre a pintura do cabelo nem sequer o assunto foi abordado por algum orador, mas bastou que estivesse no plenário uma cidadã de cabelo pintado de vermelho para despertar a curiosidade e a atenção dos repórteres.

Sobre a utilização dos espaços físicos das entidades filiadas ao MTG, houve bom debate, a partir do trabalho apresentado pelo Vice-Presidente administrativo, Benoni Jesus dos Santos. Tivemos manifestações de vários congressistas, contra e a favor da abertura dos CTGs para a realização de qualquer atividade. Por larga maioria venceu a proposta apresentada que estabelece limites, sem que tenha sido estabelecida uma proibição absoluta. De alguma forma foi escrito e aprovado, para ficar nos anis e para servir de regra, aquilo que já acontece na prática: O empréstimo, aluguel ou outro uso do CTG deve ser feito com muito cuidado para que o local não se torne um ambiente qualquer. Há valores e objetivos a serem preservados, mesmo que isso custe perda de receita financeira.

Mas voltemos à observação do Túlio. Parece-me claro que há um conceito preestabelecido de que os tradicionalistas são polêmicos. Esse preconceito pode ser decorrente da má vontade de setores da sociedade ou da postura dos próprios tradicionalistas. No caso específico, por conhecer o apresentador de algum tempo, chego à conclusão que o conceito que ele tem se deve às manifestações e às posturas adotadas publicamente pelos tradicionalistas, especialmente quando debatem ou emitem opinião sobre temas do cotidiano.

Nós, os tradicionalistas (não sociólogos, nem antropólogos, tampouco folcloristas ou historiadores) lidamos com aspectos do folclore, da tradição e da história. Genericamente denominamos esse conjunto de coisas, simplesmente de cultura. A cultura gaúcha ou sul-rio-grandense. Pensando nisso é que concluí: aqui está a razão. Os conceitos sobre o que é tradição, o que seja folclore e a importância da história não estão claros para o povo em geral e, infelizmente, nem para muitos tradicionalistas. Some-se a esse desconhecimento a pouca compreensão das razões

de existência de um Centro de Tradições Gaúchas, e teremos todos os ingredientes para inúmeras polêmicas: brincos, cor de cabelos, gêneros e ritmos musicais, estilo de danças, largura das bombachas, tamanho e cor do lenço, tamanho do decote e até (neste verão) a depilação dos homens.

O caminho para reduzir as polêmicas é que tenhamos presente algumas premissas fundamentais e indispensáveis: vivemos num país democrático; cada cidadão escolhe seus caminhos e responde por isso; o MTG é formado por tradicionalistas; os tradicionalistas não visam lucro, eles pagam para o serem; a tradição é passada de geração para geração; é a história que determina o que é e o que não é tradicional e/ou folclórico; finalmente, o CTG é um templo da tradição gaúcha. Quando a sociedade gaúcha, especialmente a parte tradicionalista, tiver a compreensão dessas premissas, as polêmicas deixarão de ser manchetes. Até lá continuaremos sendo conhecidos como “polêmicos” por natureza.

Manoelito Savaris
Presidente